

O IMPASSE DO SUJEITO E A FANTASIA: UM LIMITE À DURCHARBEITUNG FREUDIANA

THE IMPASSE OF THE SUBJECT AND THE FANTASY: A LIMIT TO THE FREUDIAN DURCHARBEITUNG

EL IMPASSE DEL SUJETO Y LA FANTASÍA: UN LÍMITE A LA DURCHARBEITUNG FREUDIANA

*Ricardo Monteiro Guedes de Almeida**

RESUMO

Este artigo parte da seguinte pergunta norteadora: há um limite para o trabalho de perlaboração do analisando? Com esse questionamento, propomos articular a noção de construção da fantasia fundamental, em Lacan, e o conceito freudiano de *Durcharbeitung*. Partimos da hipótese de que tal construção sinaliza um limite para o insistente trabalho de articulação significativa do analisando e uma abertura para uma concepção de uma análise finita. Para tanto, abordamos a noção de construção da fantasia fundamental em análise e o “quadrângulo” de Lacan. A travessia da fantasia, como um ato fora de sentido, indica a possibilidade de retomada da significação, não no contexto da análise, mas sendo posta à prova no passe. Concluimos que essa fantasia, associada ao impasse do sujeito, representa, na análise, um ponto-limite ao trabalho de *Durcharbeitung*.

Palavras-chave: *Durcharbeitung*; fantasia fundamental; impasse do sujeito.

ABSTRACT

This article starts from the following guiding question: is there a limit to the analyzer's perlaboration work? Through this questioning, we propose to articulate the notion of the construction of the fundamental fantasy in Lacan and the Freudian concept of *Durcharbeitung*. We start from the hypothesis that such construction signals a limit to the insistent work of significant articulation of the analysand and an opening for a conception of a finite analysis. For this, we approach the notion of the construction of the fundamental fantasy in analysis and the “quadrangle” of Lacan. The crossing

*Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde Mental (GEPSAM-UFT) ricardo.almeida@mail.uft.edu.br

of fantasy, as an act without meaning, indicates the possibility of resuming meaning, not in the context of analysis, but being put to the test in the pass. We conclude that this fantasy, associated with the impasse of the subject, represents, in the analysis, a limit point to the work of *Durcharbeitung*.

Keywords: *Durcharbeitung*; fundamental fantasy; impasse of the subject.

RESUMEN

Este artículo parte de la siguiente pregunta orientadora: ¿existe un límite para el trabajo de elaboración del analizante? Con esta pregunta nos proponemos articular la noción de construcción de la fantasía fundamental en Lacan y el concepto freudiano de *Durcharbeitung*. Partimos de la hipótesis de que tal construcción señala un límite al insistente trabajo de articulación significativa del analizante y una apertura para una concepción de un análisis finito. Para ello, abordamos la noción de construcción del fantasma fundamental en el análisis y el “cuadrángulo” de Lacan. El cruce de la fantasía, como acto sin sentido, indica la posibilidad de retomar el sentido, no en el contexto del análisis, sino puesto a prueba en el pase. Concluimos que esta fantasía, asociada al impasse del sujeto, representa, en el análisis, un punto límite para la obra de *Durcharbeitung*.

Palabras clave: *Durcharbeitung*; fantasía fundamental; punto muerto del sujeto.

Na obra de Freud, constatamos que o significante *Arbeit* (trabalho) fez-se presente desde muito cedo, podendo ser rastreado inclusive nos textos anteriores à obra *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1996). Claro que seu uso não foi unívoco. Freud o articulou em diferentes contextos, gerando, assim, expressões variadas e profundamente ricas. Elas foram traduzidas como: elaboração psíquica (*Bearbeitung/Ausarbeitung/Aufarbeitung/psychische Verarbeitung*); trabalho do sonho (*Traumarbeit*); trabalho de interpretação (*Deutungsarbeit*); trabalho intelectual; trabalho psíquico; além de outras formas.

Nossa atenção, aqui, volta-se exclusivamente ao conceito freudiano de *Durcharbeitung*. Esse termo, em alemão, é dividido em *durch*,

traduzido como “através”, e Arbeit (trabalho). Laplanche, como observamos no dicionário *Vocabulário de psicanálise* (Laplanche & Pontalis, 1996), teceu a alternativa conhecida por perlaboração. Lacan, por conseguinte, além de utilizar a expressão em alemão, também fazia uso de sua tradução em inglês, *working through*, assim como dos termos: elaboração, trabalho analítico e trabalho da transferência.

O conceito de Durcharbeitung mantém uma aproximação com a elaboração psíquica, o trabalho espontâneo realizado pelo psiquismo visando à dominação das excitações. Mais íntimo da experiência analítica, a perlaboração diz respeito ao trabalho do tratamento analítico, realizado pelo analisando e dirigido pelo analista, um tipo de trabalho psíquico fomentado pelo próprio dispositivo analítico, o qual coloca o analisando a falar com base na regra da “livre” associação. Mais que isso, a Durcharbeitung é, segundo Freud, o trabalho que “exerce sobre os pacientes a maior influência modificadora” (Freud, 1914/1996: 115). Lacan (1968-1969/2008), no *Seminário 16: de um Outro ao outro*, asseverou sobre sua necessidade: “A elaboração analítica [Durcharbeitung] (...) Quem está num divã percebe que ela consiste em voltar o tempo todo à mesma coisa, que em todas as viradas se é levado ao mesmo troço, e isso precisa durar, para chegar (...) ao limite, ao término (...)” (Lacan, 1968-1969/2008: 161).

Esse movimento insistente que tende a chegar ao limite demonstra bem como esse trabalho, presente no cotidiano de uma análise, encontra-se afinado com a própria psicanálise como “práxis”, mas o que nos chama atenção nessa passagem do *Seminário 16* é o fato de esse psicanalista defender que a elaboração analítica (Durcharbeitung) necessita durar, para que se chegue a algum lugar: ao limite, ao término. Lacan (1968-1969/2008) nos traz uma questão de suma importância para a psicanálise: a questão do término, assunto que preocupou Freud em um de seus últimos trabalhos, aquele considerado seu testamento, “Análise terminável e não-terminável” (1937a/1996). Esse aspecto exige de nós um comentário.

Ao encorajar seus pacientes a dizer tudo o que lhes vinha à cabeça, Freud visava à elaboração de um saber inconsciente — e, de fato, ele entendia, cada vez mais, que o efeito de uma análise era concernente a um ganho de saber. Entretanto, Freud encontrou, em sua experiência, um limite que fazia obstáculo a esse ganho de saber, pois, como o trabalho de rememoração na análise logo serviu para demonstrar, havia um ponto impossível. Existia um limite, algo correspondente ao

que não se podia verbalizar. Sem se acovardar diante disso, Freud, com seu desejo de analista, entendia que se deveria continuar avançando no objetivo de rememoração, mesmo que em direção a algo “fora do alcance” (Freud, 1914/1996: 168).

Essa coragem de Freud diante do limite do trabalho de rememoração também pode ser encontrada em sua postura em face daquilo que ele mesmo veio a conceber como um ponto intransponível em uma análise, um limite ao dizer, comumente conhecido como rochedo da castração. Esse é o maior trauma do neurótico e o impasse inevitável no fim da análise, já que diz respeito a uma falha do saber inconsciente que nenhuma elaboração seria capaz de remediar. Poderíamos ainda afirmar que esse rochedo é um ponto estrutural, sem retorno, o qual não deixaria ao analisando outra saída senão prosseguir em sua análise de forma indefinida, sempre que for necessário, ou, como Freud (1937a/1996) sugeria, a cada cinco anos. Condição à qual o próprio analista também deveria submeter-se, já que “não seria apenas a análise dos pacientes, mas sua própria análise que se transformaria de terminável em interminável” (Freud, 1937a/1996: 266).

Assim, o rochedo da castração não seria tão somente determinante para uma análise interminável nos termos freudianos, mas também a causa de um trabalho interminável da *Durcharbeitung* em uma análise infinita, visto que não haveria ponto de chegada a ser associado a um possível fim de análise. Lacan não nega o rochedo da castração, contudo seu entendimento sobre o limite e sobre o término de análise não se detém a isso. Pelo contrário, partindo de uma concepção de análise finita ou infinita, ele propôs o fim de análise em direção a um além do rochedo da castração.

Dito isso, considerando a noção lacaniana de construção da fantasia fundamental, partiremos da perspectiva de que essa construção, do modo como Lacan (1966-1967, inédito) concebeu-a no *Seminário 14: a lógica do fantasma*, sinaliza um limite para o insistente trabalho de articulação significante, caracterizado pela *Durcharbeitung*, assim como uma abertura a uma concepção de uma análise finita.

Na primeira parte deste artigo, iniciamos com uma introdução ao conceito de construção. Na segunda parte, abordamos, com base no *Seminário 14: a lógica do fantasma*, o quadrângulo de Klein e o uso que Lacan faz disso para representar o percurso de uma análise. Só então será possível abordar a fantasia fundamental como o impasse

do sujeito e o papel disso no trabalho que envolve a *Durcharbeitung*.

1 A CONSTRUÇÃO DA FANTASIA FUNDAMENTAL

A fantasia fundamental não é recordada ou desvendada, muito menos interpretada, pois precisa ser construída em análise, de semelhante forma ao segundo tempo da fantasia “Bate-se numa criança” (Freud, 1919/1996). Não se trata de uma recordação, apesar de seu material produzido ser considerado como tal. Ela permite o acesso ao material recalçado e produz a cena traumática que não estava dada de antemão. Essa é uma leitura que se aproxima muito do valor que Lacan associa à construção em análise, tal como indicado a seguir: “o fato de que o sujeito revive, rememora, no sentido intuitivo da palavra, os eventos formadores da sua existência, não é, em si mesmo, tão importante. O que conta é o que ele disso reconstrói” (Lacan, 1953-1954/1986: 22). A limitação ao contexto analítico, que se impõe à construção, resulta de sua aproximação ao recalque originário (*Urverdrängung*), ou seja, do limite em relação ao dizer. Assim, começamos este tópico por meio do conceito freudiano de construção.

Esse trabalho de construção foi teorizado por Freud (1937b/1996), em seu texto “Construções em análise”, como um trabalho solitário do analista, devendo ser situado em relação ao conceito de interpretação de forma interdependente. A construção necessita da interpretação, apesar de ser associada a um momento que lhe é posterior, entrando em jogo na análise quando o material se esgota. Ambas se diferenciam, especialmente, naquilo sobre o qual incidem. A interpretação acontece a partir de um elemento isolado, como um lapso. Já na construção, trabalha-se com o fragmento da história primitiva do sujeito.

Freud (1937a/1996) aborda a construção, essa novidade do método psicanalítico, como um trabalho solitário do analista diante do objeto psíquico, no qual o que foi esquecido é completado por meio dos traços deixados para trás. O material com que trabalha são as “repetições de reações que datam da tenra infância e tudo o que é indicado pela transferência em conexão com essas repetições” (Freud, 1937a/1996: 277). O analista fundamenta esse trabalho a partir das associações, dos fragmentos de lembranças e, não podemos esquecer, das manifestações do analisando.

É conhecida a comparação que Freud promove entre o trabalho de construção do analista e o trabalho do arqueólogo. O primeiro

desfruta de uma vantagem excepcional, “já que aquilo com que está tratando não é algo destruído, mas algo que ainda está vivo” (Freud, 1937a/1996: 277). Todavia, essa vantagem é logo diminuída em função do fato de os objetos de interesse da arqueologia não terem a mesma complexidade e mistério dos objetos psíquicos com os quais o analista trabalha. Segundo Freud (1937a/1996), a estrutura dos objetos psíquicos é mais refinada e envolve tanta coisa “que ainda é misteriosa” (Freud, 1937a/1996: 278). Em seguida, entra em jogo a questão da comunicação ao analisando do que foi construído, restando ao sujeito legitimá-la ou não.

Freud (1937a/1996) reconhecia a possibilidade de o analista errar, mesmo que aí algo da verdade pudesse ser apreendido. Ele não se abalava diante da possibilidade de equívocos e até mesmo da rejeição do que foi comunicado, afinal era o paciente quem verificava a verdade da construção apresentada. Assim, em caso de erro, isso não representaria nenhum dano, apenas um desperdício de tempo. Aqui, vemos Freud reconhecendo a possibilidade do erro, mesmo que a “isca da falsidade” (Freud, 1937a/1996: 280) seja entendida como aquilo que “fisgou uma carpa de verdade” (Freud, 1937a/1996: 280).

Dessa forma, no texto sobre as construções em análise, Freud (1937b/1996) apresenta a concepção de que a construção pertence ao analista, cabendo ao analisando aceitá-la ou não. Isso é exemplificado no famoso caso do “homem dos lobos”, no qual o paciente Serguei Pankejeff queixava-se em análise de um sonho infantil, recorrente e perturbador, que teve início por volta de seus quatro anos de idade. Nesse sonho, após acordar de forma repentina, o jovem olha pela janela e vê sete lobos brancos em uma árvore; eles, por sua vez, retribuem o olhar de forma fixa e assustadora. No decorrer da análise, Serguei relata outra cena ainda mais antiga, em que também, ao ser despertado do sono, presencia os próprios pais na prática do coito, quando aproximadamente tinha um ano e meio. Freud entende que o sonho dos lobos reativou a cena de coito dos pais, um dos acontecimentos sexuais infantis que estariam na origem da neurose. Naquele texto, Freud já indagava se essas cenas não seriam fruto de uma construção em análise.

Lacan (1966-1967), por sua vez, entendia que Freud, nessa leitura do caso, ainda se encontrava preso à questão da realidade da cena primária. Para Lacan (1964/2008), Freud, em função de sua paixão pelo real, dedica-se, no caso do “homem dos lobos”, em interrogar

qual é o encontro primeiro. Ou seja, por falta de uma concepção de real que o orientaria sobre a estrutura da fantasia, Freud se entrega na procura da realidade da cena primitiva e ainda leva junto seu paciente. Lacan faz também referência à estratégia adotada por Freud, nesse trabalho de construção em análise, de estipular um fim para o término do tratamento. Uma antecipação que visava a vencer as resistências e evitar o fracasso analítico naquele caso.

Não há como negar a existência de um efeito significativo, posto que houve no paciente, como Freud pôde notar, um ceder na resistência e na fixação na doença, seguido de uma produção surpreendente de um material que possibilitou o esclarecimento das inibições e a eliminação dos sintomas. Porém, determinar o tempo final para a análise, conforme entendia Lacan, tem consequências importantes para o sujeito, a saber: sua cristalização em relação à verdade e sua manutenção em posição alienada. Segundo Lacan:

(...) a fixação de um término equivale a uma projeção espacializante, onde ele se encontra desde logo alienado de si mesmo: já que o prazo de sua verdade pode ser previsto, advenha o que advier na intersubjetividade intervalar, é que a verdade já está dada (Lacan, 1953/1998: 311).

Entendemos, então, que o desejo de Freud pelo real e a fixação antecipada de um prazo foram dois fatores que repercutiram de forma determinante no caso, especialmente na direção da cura e na persistência da transferência não elaborada. Os efeitos disso foram demonstrados posteriormente, como indicado no próprio desencadeamento da paranoia no “homem dos lobos”.

O caso referente ao “homem dos lobos” ainda representa o mais importante para a temática da construção em análise, pois ele bem exemplifica o retorno do passado na construção e, no presente, da fantasia da cena primitiva. Apesar disso, ainda paira sobre ele uma série de dúvidas acerca dos meios que levaram à sua construção, como as dificuldades relativas à implicação do analisando nesse trabalho. Ao fixar um prazo, Freud antecipou o momento de concluir, e isso repercutiu no tempo para compreender que corresponde a *Durcharbeitung* (Dias, 2009). O problema, então, é que o paciente não pôde desfrutar desse tempo. Não é para menos que a construção da cena primária ficou do lado do analista, enquanto, do lado do sujeito, prevaleceu uma ausência de tempo e da elaboração necessária à subjetivação do que foi construído. Isso posto, interrogamos: o trabalho de construção pertence a quem?

Lacan abordou a questão da construção. Sua ênfase quanto a esse trabalho recaiu na elaboração de um novo saber, assim como na dimensão de narrativa e ficção. Esse último ponto é devedor do peso que ele atribui, não ao que foi vivido, mas à sua reconstrução em análise. Com relação a isso, Lacan se apoia no próprio Freud: "O essencial é a reconstrução, é o termo que ele utiliza até o fim" (Lacan, 1953-1954/1986: 23). A lembrança, assim, perde espaço em favor da reescrita da história. A suposta realidade da cena é subjugada pela ficção.

A tarefa de construção da fantasia deve ser entendida como pertencente ao analisando: é ele quem atua sobre o próprio material, decantado até que se chegue aos pontos de fixação e repetição; em outras palavras, aquilo que no final constituirá a fantasia fundamental. O que não nos impede de reconhecer o importante papel do analista, aquele que não apenas marca as posições do sujeito na cena fantasmática, como também autoriza, simbolicamente, a construção da fantasia (Miller, 1996). Assim, o analisando não se encontra solitário, embora a construção lhe pertença inteiramente. A seu lado, o analista lhe acompanha e atua no sentido de lhe autorizar ou não determinada direção na construção.

De acordo com Prates Pacheco, a fantasia fundamental é construída na clínica psicanalítica "a partir da rememoração, da reestruturação e da ressubjetivação, possibilitadas pelas 'voltas' provocadas pelo automatismo de repetição ou, em termos lacanianos, o deslocamento significante" (Prates Pacheco, 2012: 239). Trata-se de um duplo movimento de construção e desconstrução, tal como presente no modelo da fantasia "Bate-se em uma criança", em que, na desconstrução ali realizada, o sujeito pode ser revelado na posição de objeto do Outro.

Com efeito, a fantasia fundamental diz respeito ao real na experiência analítica e, como tal, não pode ser nomeada nem modificada. Um resíduo do desenvolvimento de uma análise que o sujeito não consegue modificar; o máximo que pode fazer é, em seu término de análise, mudar sua relação com o real da fantasia, atravessando-a. O presente artigo foca, justamente, o ponto de tensão em que essa dimensão real da fantasia fundamental se encontra com a *Durcharbeitung*, que se desenrola no percurso de uma análise.

No discurso do analisando, uma fórmula se apresenta completamente

separada de todo o resto, algo que se apresenta isolado e, contraditoriamente, ao mesmo tempo, determinante de todo o seu comportamento. Quanto a esse último ponto, Harari foi enfático ao comentar sobre a fantasia que Lacan demonstra como: "enunciados ou frases taxativas, não suscetíveis de questionamento algum enquanto 'verdades' primordiais, e das quais se devem derivar consequências, de modo coerente e consistente" (Harari, 1997: 229). Ele afirma ainda que esses axiomas fantasmiais são capazes de estruturar a vida de um sujeito; afinal, nessa fantasia, o sujeito não deixa de ser seu objeto. Estamos, então, constatando como Lacan compara a fantasia com um axioma, uma fórmula que não pode ser deduzida, senão construída em análise.

A fantasia fundamental se acha apartada de todo o resto, de todo o sistema lógico, aos quais estão submetidos todos os demais significantes. Nesse sentido, tomar a fantasia como uma frase axiomática implica que ela opere como tal, um ponto fixo da significação que impõe barreira à interpretação ao mesmo tempo que sustenta o sujeito engendrado pela fantasia.

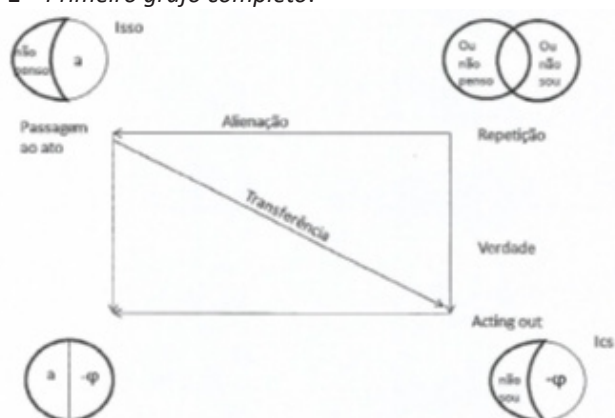
"Ponto fixo", "constância" e "resistência" são termos que corroboram a concepção, aqui defendida, da fantasia fundamental como um limite. Quando admitimos a fantasia fundamental como um limite, reconhecemos ao mesmo tempo a existência de um para além, no qual o analista não poderá operar mais sobre a fantasia. Afinal, do outro lado do limite, da fantasia fundamental, só resta como possibilidade um ato analítico que levaria a um verdadeiro término de análise: o atravessamento da fantasia. Assim, mesmo que admitamos que, enquanto o analista tiver a oportunidade de operar em uma análise, seu trabalho será sempre sobre a fantasia. Mas, quando estiver fora de suas mãos, aí só restará o mais-além da fratura da fantasia, que corresponde ao fora do sentido. A fantasia como frase axiomática será a base para o próximo tópico, em que, por meio do quadrângulo de Klein, poderemos refletir sobre a relação entre a fantasia fundamental e o impasse do sujeito.

2 O IMPASSE DO SUJEITO E A FANTASIA FUNDAMENTAL

Para entendermos a fantasia fundamental como uma construção realizada em análise e um ponto-limite ao trabalho de *Durcharbeitung*, faz-se necessária uma leitura sobre o quadrângulo do ato psicanalítico,

presente nos *Seminários 14 e 15* de Lacan e que se baseia no modelo do retângulo formalizado por Félix Klein. Lacan (1966-1967, inédito) localizou nesse esquema o percurso de uma análise, desde a entrada do sujeito em análise até sua saída. É importante esclarecer que esse quadrângulo não corresponde apenas a um único grafo, mas à junção de dois. Além disso, as limitações do presente trabalho nos impossibilitam abordar toda a sua riqueza de detalhes. Assim, iniciamos nosso percurso já a partir do primeiro grafo completo, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Primeiro grafo completo.



Fonte: Metzger, 2014: 144.

Nessa imagem, sobre o vértice inferior ao lado esquerdo, Lacan (1966-1967, inédito) localiza o ponto de impasse do sujeito, em que se encontram a sublimação e a castração, esta última representada pelo falo negativizado ($-\phi$).

Sabemos que a castração é um conceito central no ensino freudiano e que, para Lacan, corresponde a uma operação simbólica realizada, sobre um órgão imaginário, pelo pai real. Nesse sentido, a castração diz respeito a uma perda primordial, sem a qual a estrutura não seria posta em movimento. Trata-se de uma perda cujo significante é o falo. No texto de 1955, "A significação do falo", Lacan (1955/1998) aponta o complexo de castração como tendo uma função de nó. A partir dele, o sujeito passa a ser inscrito na ordem simbólica como dividido, como desejante. Referimo-nos aqui à castração como fundadora da ordem fálica que institui a falta, além de desempenhar a função de regulação do gozo sexual. Em contrapartida, Lacan comenta sobre a linguagem e seu efeito de redução da relação entre os sexos. Isso, por sua vez, acontece porque o falo é tomado como o único referencial para os sexos, homem e mulher. Para Lacan (1966/1998), a linguagem é

concebida como incapaz de dominar o que é da realidade sexual; mais que isso, ela é, por seu estatuto, “antipática” a essa realidade, falhando ao tentar apreender o sexo, até porque a verdade sobre o sexual “tem como propriedade de nada podermos saber dela” (Lacan, 1968-1969/2008: 198). Trata-se, então, do real do sexo que a linguagem não consegue assimilar. Lacan também nos leva a entender, na lição de 18 de janeiro de 1967 do seminário sobre *A lógica do fantasma* (Lacan, 1966-1967, inédito), que a linguagem reduz a polaridade sexual. Essa redução, caracterizada pelo “ter ou não ter”, só é possível em relação ao falo, isso se a função paterna operou, pois, caso tenha operado, o falo, na qualidade de significante do desejo do Outro, permite atribuir não apenas significações a seus significantes, mas também ao sujeito situar-se na partilha dos sexos, seja como homem, seja como mulher, conforme a dialética entre “ter ou não ter” o falo.

Assim, a castração, localizada no vértice, no canto embaixo do quadrângulo, à esquerda, tem um referente fálico ($-\Phi$). Nesse mesmo ponto, Lacan também inclui o objeto a , formando uma conjunção entre os dois: $a/-\Phi$. Entretanto, como podemos observar na Figura 1, esses dois termos se encontram juntos e disjuntos na mesma representação do quadrângulo. Explicamos. Em cada um os vetores que partem do *ou não penso, ou não sou*, encontramos um desses termos. No vetor inferior, à direita, além do *eu não sou* e do *acting out*, também localizamos a castração ($-\Phi$). Segundo Brodsky (2004), a castração nesse vetor também corresponde àquilo a que a análise chega, ou ao menos ao ponto até onde Freud pôde chegar. O limite intransponível, tal como constatamos em “Análise terminável e não-terminável” (1937a/1996) leva-nos a concluir que a análise do inconsciente sempre leva a um entrave à análise, isto é, à castração ($-\Phi$). Se encontramos esse termo no vetor à direita, isto é, no vetor superior que segue em direção à esquerda, o *eu não penso*, referente à alienação, o termo a ser localizado é o objeto a ; logo, o objeto a é o que resta do gozo, e o $-\Phi$, a marca da castração. Eles estão separados, cada um em seu respectivo vetor, mas, para Lacan, uma conjunção deve acontecer, e isso é fundamental para o fim de análise. Em outras palavras, o fim de análise implica essa conjunção entre a castração e o objeto a (Brodsky, 2004). Não por acaso, é justamente o que é escrito como o ponto de chegada do primeiro grafo.

Nessa representação, que só é admissível graças à indicação de Lacan encontrada no resumo de *A lógica do fantasma* (Lacan, 1966-

1967, inédito), os termos castração ($-\Phi$) e objeto a são postos separados; porém, graças aos vetores que partem em direção ao vértice, no canto embaixo do quadrângulo, à esquerda, a conjunção $a/-\Phi$ é admitida no quadrângulo, no ponto identificado como sendo o do impasse do sujeito. Contudo, cada um desses termos recebe, nesse ponto, um sentido de resíduo, ou seja, o objeto a e a castração são restos, respectivamente, do *eu não penso* e do *eu não sou*.

Se o $-\Phi$ e o objeto a são restos, produtos, de seus respectivos vetores, então é interessante lembrar que o quarto vértice é um resíduo de todas as operações do quadrângulo.

Nesse ponto em que encontramos a conjunção $a/-\Phi$, o do ponto do impasse do sujeito, a fantasia advém. Mas por que isso? Para respondermos a essa questão, devemos antes entender o motivo de Lacan associar esse lugar do resultado ao impasse. Trata-se de um momento fundamental da análise, mas que não deve ser confundido com seu final. Esse é o ponto de impasse para o sujeito, porque, de acordo com Lacan (1966-1967, inédito), é aí que o sujeito assume o engodo de sua própria verdade.

Em nossa leitura, sobre a construção da fantasia fundamental como limite à Durcharbeitung, a questão do engodo deve receber uma especial atenção, afinal diz respeito ao que a construção da fantasia induz ao sujeito, ou seja, o engano de que o ato sexual existe, e de fato é no quarto vértice que esse ato se encontra; mas, como Lacan deixa claro, isso não existe. De fato, a tese fundamental de que não há ato sexual já havia sido introduzida nesse seminário em termos da "relação significativa da função fálica enquanto falta essencial da junção da relação sexual com sua realização subjetiva" (Lacan, 1966-1967: 221, inédito) e, mais posteriormente, como "o segredo da psicanálise" (Lacan, 1966-1967: 293, inédito). Mas o que isto significa: não há ato sexual? Rabinovich (2004) nos apresenta uma resposta:

Non há ato sexual é equivalente a dizer que há sujeitos e que um sujeito deve se assumir em seu sexo em sua relação com a sexualidade. Para se assumir em sua relação com a sexualidade, o sujeito necessita de algo no nível significativo que lhe sirva de padrão de medida, esse padrão de medida é o falo (Rabinovich, 2004: 77).

Essa questão fica mais clara quando Lacan (1972-1973/2008), no *Seminário 20: mais, ainda*, comenta outra tese fundamental, a saber: a mulher não existe, pois falta um significante que a represente,

diferentemente do homem, que se encontra referido ao universal do falo. Se seguirmos o exemplo de Lacan e realizarmos uma interpretação literal do mito de Adão e Eva, então podemos afirmar que, de fato, não há ato sexual, tendo em vista que Eva nada mais é do que uma parte de Adão, que teve sua costela arrancada pela mão do próprio Criador, para que uma companheira lhe fosse dada. Assim, Adão se relacionava com uma parte de si mesmo, em um ato a ser descrito como autoerótico, e nada mais. Nesse sentido, como a mulher não existe, logo é inconcebível um ato sexual, o que, justamente, confirma-se em ato, quando o sujeito se depara com o fato de que o objeto não o completa, restando-lhe apenas uma relação faltosa com ele. É sobre isso que trata o aforismo lacaniano, o insistente desencontro entre o homem e a mulher, a lógica da diferença sexual. Com base nisso, podemos afirmar que o sujeito sempre se relaciona com um objeto, e não com outro sujeito. Nessa relação faltosa, a fantasia advém como uma tela diante do real, uma construção realizada em análise em que o sujeito faz existir um ato sexual impossível.

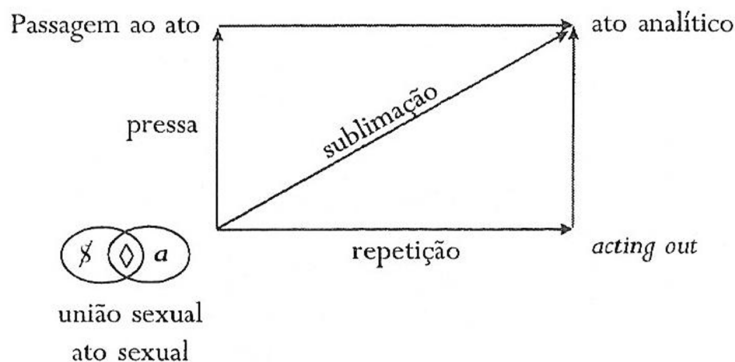
Essa perspectiva em que a fantasia é localizada no lado esquerdo inferior, como o ponto de impasse do sujeito, corresponde à leitura da fantasia como produto final de uma decantação em análise, de uma redução à sua fórmula mínima, que conhecemos como fantasia fundamental e que evidencia sua posição diante do desejo do Outro. Por esse motivo, é possível entender o razão pelo qual há uma associação do impasse do sujeito com a angústia; afinal, nesse ponto de impasse, o que se articula é uma fantasia reduzida à sua fórmula mínima, o que põe em evidência, em face do sujeito, o modo por que ele goza.

O quarto vértice também corresponde ao ponto de chegada do primeiro quadrângulo. Isso é determinante para que, no próximo quadrângulo, em que os sentidos dos vetores são modificados, o ponto de partida passe a ser a fantasia e o impasse que ela representa para o sujeito.

Com essa modificação, um vetor da sublimação é acrescentado, cujo sentido parte da fantasia em direção ao ato analítico. Diante disso, a construção da fantasia marca, acima de tudo, uma abertura para a possibilidade de saídas, sejam elas verdadeiras ou não. Considerando os vetores da repetição e da pressa, as falsas saídas ou lapsos do ato podem ser ou o acting out, ou a passagem ao ato, dependendo do vetor que se parta. Por certo, todos esses pontos foram retomados

por Lacan em seu seminário seguinte, *O ato psicanalítico* (1967-1968, inédito), que, como já sabemos, é voltado sobretudo para questões concernentes ao final de análise. Vejamos, então, a representação do segundo grafo na Figura 2.

Figura 2 – Segundo grafo completo.



Fonte: Brodsky, 2004: 107.

Fica evidente que o quarto vértice do quadrângulo não representa o fim de análise, pois, nesse lugar, o que se articula é o impasse do sujeito, e sabemos que o término de uma análise se encontra mais articulado ao passe, ao dispositivo de Escola estabelecido por Lacan. Não por acaso, os seminários *A lógica do fantasma* e o *Ato analítico* foram contemporâneos da invenção do passe. A relevância do impasse do sujeito para o final de análise será explorada a seguir, assim como aquilo que defendemos como o limite à *Durcharbeitung* freudiana, em um tópico sobre os tempos lógicos de uma análise e sobre sua relação com os dois semigrupos de Klein.

3 OS TEMPOS LÓGICOS DE UMA ANÁLISE

Após esse percurso pela construção da fantasia, o qual, como já discutimos, desemboca no vértice esquerdo e inferior do quadrângulo (o ponto do impasse do sujeito), agora, com base na perspectiva de que o quadrângulo de Klein, tal como trabalhado por Lacan, é, na verdade, formado por dois semigrupos superpostos, podemos, finalmente, articular esse que não deixa de ser uma formalização da experiência analítica às três dimensões da temporalidade, as quais se apresentam na experiência analítica. Trata-se do tempo lógico, que foi formulado por Lacan (1945/1998) em seu escrito "O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada", a partir do conhecido sofisma dos três prisioneiros, do qual podemos extrair três tempos não cronológicos, os

quais, por mais que falemos em primeiro, segundo e terceiro tempo, são, respectivamente, o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir.

Cada um desses tempos é suportado por um sujeito diferente: o sujeito impessoal, o sujeito indefinido recíproco e o sujeito da asserção sobre si mesmo. Um aspecto relevante para nosso artigo se encontra no fato de que o tempo para compreender, com efeito, é limitado, entre uma entrada e uma saída, pelo tempo do instante de ver e pelo do momento de concluir, já que estes são tempos de escansão, ou, poderíamos dizer, de cortes. Além disso, a possibilidade de articular essas três dimensões da temporalidade ao primeiro e ao segundo semigrupo recebe sentido e importância na leitura que defendemos aqui. No entanto, como seria possível essa articulação?

Torres (2009) aborda essa questão com base no fato de serem dois semigrupos, e não três, permitindo-lhe conjecturar que o instante de ver se encontra no primeiro semigrupo, e o momento de concluir, no seguinte. Essa é uma leitura que faz todo sentido, posto que o primeiro e o terceiro tempo não têm duração, são instantâneos, diferentemente do segundo, em que se supõe a duração de um “tempo de meditação”, imprescindível para que o sujeito possa precipitar-se em direção ao terceiro tempo. Seguindo essa leitura, o instante de ver corresponde ao ato de entrada em análise, no qual o sujeito, de forma contingencial, faz a escolha de fazer existir o inconsciente por meio da regra fundamental da associação livre. Isso só se sustenta por meio da transferência. Assim, podemos denominar esse primeiro tempo também instante de entrada. Se esse tempo corresponde ao instante inaugural da experiência analítica, então é de se esperar que ele se localize no primeiro semigrupo.

Em se tratando do terceiro momento, o de conclusão, a questão fica um pouco mais complexa, visto que ele corresponde ao tempo do advento do sujeito propriamente dito, uma virada, uma retificação subjetiva em que se interroga a respeito do desejo do Outro. O sofisma dos três prisioneiros diz respeito a uma rápida precipitação do sujeito em direção à liberdade, em um ato em que se desprende do registro da identificação, o que, no problema, dar-se-ia em função dos outros prisioneiros. Assim, aquele que alcançaria a liberdade seria o primeiro a poder afirmar a cor de seu próprio disco, ou seja, quem ele era ali. Desse modo, esse momento é o ato do analisando quando se separa, no qual podemos identificar uma conjugação entre

o momento lógico em que se deduz a impossibilidade de resposta no Outro e um momento em que se deve entender como ético, afinal, neste, o sujeito decide sua saída. Este é sempre marcado por uma pressa, por uma precipitação, dado que, nesse tempo, há uma urgência característica do ato como saída. Lacan (1945/1998: 206) afirma: “não é em razão de uma contingência dramática, da gravidade do que está em jogo, (...); é na urgência do movimento lógico que o sujeito precipita simultaneamente seu juízo e sua saída”. Como aponta Lacan, é o sujeito que precipita sua saída. Ela, de forma alguma, deve ser determinada pelo analista.

Tudo isso indica, entre outras coisas, que o momento de concluir deve ser localizado no segundo semigrupo, pois o impasse do sujeito, localizado no canto inferior e esquerdo do quadrângulo, representa o ponto de partida do segundo semigrupo e a abertura para o ato analítico, bem como para as demais saídas possíveis de análise, as chamadas falsas saídas. Essa é uma questão que toca diretamente no que foi trabalhado por Freud em 1937, o final possível para uma análise.

Em “Análise terminável e não-terminável” (1937a/1996), essa questão é pensada com base em duas vertentes: uma referente à prática, e outra, ao êxito da análise. A primeira é muito simples, porque tem como parâmetro a ausência dos encontros entre o analisando e o analista. Se isso não acontece, supõe-se não há mais sofrimento no analisando quanto aos sintomas, às inibições e às angústias os quais o levaram a procurar uma escuta analítica; de semelhante forma, o analista já não acredita no retorno deles. Por sua vez, a segunda vertente é mais complexa e talvez a mais impossível: ela consiste na vitória diante de todas as resistências, na solução de todos os recalques do analisando e na explicação de muitas coisas ininteligíveis, indicando, assim, um nível de normalidade psíquica absoluta.

A impossibilidade dessa segunda vertente se encontra naquilo que Freud chamava de rochedo da castração, um ponto da análise no qual o sujeito enfrenta o recalque sem possibilidade de transpô-lo. Com toda certeza, um limite intransponível no dizer, que, para Lacan, correspondia ao impossível da relação sexual, o lugar da falta de um significante no campo do Outro. Isso é algo que, em nossa leitura a respeito do trabalho do analisando, ganha todo o sentido, já que, diante desse impossível, o sujeito encontra sustento, justamente, na fantasia. Por outro lado, nada disso ainda fala do final de análise

segundo Lacan, o qual, a partir de 1964, começa a ser definido em referência à fantasia fundamental, ou melhor, seu atravessamento, que nos permite pensar o término de análise para além do rochedo da castração. Em vários momentos, ele o associa à travessia da fantasia, na qual o sujeito perde a fantasia que, até então, sustentara-o. Essa perda permite ao sujeito ir além da fantasia e viver a pulsão. Nesse sentido, a fantasia fundamental é construída em análise, e seu atravessamento a desconstrói.

Ao refletir sobre a localização do tempo para compreender, em concordância com a leitura de Torres (2009), pensamos que o primeiro semigrupo é o mais indicado. O segundo tempo, juntamente com o primeiro, seria colocado aí, porque esse tempo, para compreender, supõe uma duração, o que, no sofisma dos prisioneiros, é associado ao raciocínio, elaborado em uma lógica intersubjetiva que antecede uma decisão. Na clínica, esse tempo é modulado e modelado pela associação livre orientada pela transferência e trata da diacronia que se desenvolve na fala do sujeito, que exige tanto o silêncio do analista como também um tempo manejado por esse mesmo analista por meio de escansões, de cortes e de interpretações. Assim, o tempo para compreender, com suas voltas, ou seja, a decantação do objeto a pela relação do sujeito com as voltas da demanda, diz respeito ao tempo necessário para que se possa chegar ao impasse do sujeito e, por sua vez, àquilo que chamamos de abertura ao ato analítico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Anteriormente, abordamos a elaboração analítica, a *Durcharbeitung*, em termos de um esforço do analisando em continuar sempre em frente, em um trabalho exaustivo. Para isso, encontramos apoio não apenas no texto de Freud, como também em Lacan (1953-1954/1968) que, no *Seminário 1: os escritos técnicos de Freud*, já reconhecia a necessidade de voltar muitas vezes “ao tear”, para que algum franqueamento subjetivo fosse possível, prosseguindo até que se chegasse a algo “fora do alcance” de toda interpretação. A possibilidade de que há um para além do limite da verbalização indica que, mesmo com a palavra representando o ponto de partida em uma análise e em um terreno da prática abalizado pela rememoração, pela verbalização e pela simbolização, nem tudo se resume ao sentido, à sua articulação do jogo significante e à sua interpretação. Isso porque, mesmo para

Freud, algo se apresentava de forma indireta e impossível de dizer, como aquilo que o trabalho do inconsciente, em sua articulação significante, contornava, ou melhor, bordejava. Lacan (1964/2008) nomeou isso que resistia ao trabalho de rememoração, assim como a todo o processo de simbolização, de real.

A *Durcharbeitung* recebeu o sentido de uma elaboração que se encontra ao lado do analisando, pois, simplesmente por responder e por esclarecer as resistências ao analisando, estas revelavam-se infrutíferas em matéria de transformações. A análise não se trata disso; ela exige um tempo para que o analisando possa “elaborar”, razão pela qual Lacan, por sua vez, associou a elaboração ao tempo para compreender.

Com base no texto de 1945, sobre o tempo lógico, vimos que o tempo que compreende o instante de ver e o momento de concluir é, na verdade, um tempo de ressignificação, ordenado pela retroatividade temporal, isto é, pela lógica do *nachträglich*, um tempo em que o sujeito reposiciona-se diante dos significantes da própria história. Assim, a *Durcharbeitung* freudiana continua sendo responsável, na análise, pela maior influência modificadora, por ser um trabalho que atravessa a análise, apesar dos obstáculos das resistências, de forma insistente. Sob transferência, é um trabalhar até o esgotamento, não importando quantas voltas sejam dadas, continuando até certo ponto, certo limite.

A fantasia fundamental, tratando-se da análise, é o limite construído pelo analisando e que precisa ser atravessado em ato, ou seja, além da análise. As articulações promovidas aqui nos permitiram pensar em uma ligação entre a construção da fantasia fundamental e o limite à *Durcharbeitung*, sendo esse primeiro uma tarefa de construção pertencente ao analisando, em que se atua sobre o próprio material, decantando até que se chegue aos pontos de fixação da repetição que constituem aquilo que não se encontra dado de antemão em uma análise e que Lacan chamava de fantasia fundamental. Esse que é o produto final de uma redução até a fórmula axiomática, ou seja, um enunciado reduzido e destacado de seu contexto, cuja significação é absoluta, uma redução até o fator em comum entre as fantasias relacionadas com os sintomas, o que não acontece sem a devida ajuda do analista, que, com seus cortes, marca as posições do sujeito na cena fantasmática e autoriza a construção da fantasia.

Após esse percurso, conseguimos chegar à perspectiva lacaniana de que a fantasia fundamental, associada ao impasse do sujeito, representava na análise um ponto-limite à *Durcharbeitung*, pois ela se encontrava tanto no ponto de chegada do tempo para compreender como também no ponto de partida do momento de concluir. Essa fantasia, por mais que promova o engodo da possibilidade do ato sexual e represente ao sujeito um enquadre protetor contra o real, demarca um limite que implica a abertura de uma janela de possibilidades de ato, inclusive para seu atravessamento.

Em outras palavras, o tempo para compreender, associado por Lacan à *Durcharbeitung*, atravessa a análise com suas voltas e se encontra limitado pela entrada e pela saída, respectivamente, pelo instante de ver e pelo momento de concluir. A elaboração analítica (*Durcharbeitung*), como o próprio analisando, em seu divã, pode confirmar, traduz-se em um retorno sempre à mesma coisa, e isso precisa durar, senão nunca se chegará ao limite. Isto é, o tempo para compreender e suas voltas insistentes têm relação com o tempo necessário para que se possa chegar à fantasia e ao impasse do sujeito que ela representa, proporcionando, dessa forma, o que chamamos aqui de abertura ao ato analítico.

Mas isso ainda não é o final, porque ainda é possível prosseguir, mesmo que por uma via que vai além da análise, aquela do ato que reduz a fantasia à pulsão. Isso corrobora o fato de que, no *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/2008: 264) retomou o franqueamento em termos de passar além do “plano da identificação”, ou seja, em relação à travessia da fantasia. Esse transpor, que só é possível para aquele que foi até o fim de sua análise, nada mais é que um ato de passagem, que, mesmo não estando conectada à linguagem, da qual tira suas coordenadas, não deixa de ser um franqueamento de um limite significativo.

A travessia da fantasia é um ato fora do sentido que em vários momentos foi relacionado por Lacan com o término da análise, o que não quer dizer o fim de toda significação; ao contrário, é por ela que, posteriormente, o próprio ato é recuperado. A significação é retomada, agora já não em análise, mas fora dela e a ser posta à prova pelo passe. Se a construção da fantasia fundamental e o próprio ato não representam, em si, um final para toda significação, a presente leitura, de semelhante forma, não pode ser considerada um trabalho último; longe disso, pois ela aponta para novas direções em

nosso campo de interesse, instigando-nos a continuar construindo.

Referências bibliográficas

- Brodsky, G. (2004). *Short story: os princípios do ato analítico*. Contracapa Livraria.
- Dias, S. (2009). O leão só salta uma vez: o valor da construção no método psicanalítico. *Trabalho completo publicado em anais do Colóquio Internacional sobre o Método Clínico*. Recuperado em 7 dezembro, 2016, de: http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/coloquios/coloquio_metodo_clinico/mesas_redondas/o_leao_so_salta_uma_vez_o_valor_da_construcao_no_metodo_psicanalitico.pdf
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4, pp. 13-363). Imago (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1996). Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 161-171). Imago (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996). "Uma criança é espancada": uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 193-218). Imago (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1996). Análise terminável e não-terminável. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 225-270). Imago (Trabalho original publicado em 1937a).
- Freud, S. (1996). Construções em análise. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 275-287). Imago (Trabalho original publicado em 1937b).

1937b).

Harari, R. (1997). *O seminário “a angústia” de Lacan: uma introdução*. Artes e Ofícios Ed.

Lacan, J. (1966-1967). *O seminário livro 14: a lógica do fantasma*. Inédito.

Lacan, J. (1967-1968) *O seminário livro 15: o ato psicanalítico*. Inédito.

Lacan, J. (1986). *O seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1953-1954).

Lacan, J. (1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada – um novo sofisma. In J. Lacan. *Escritos*. Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1945).

Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos*. Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1953).

Lacan, J. (1998). A significação do falo. In J. Lacan. *Escritos*. Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1955).

Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In J. Lacan. *Escritos*. Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1966).

Lacan, J. (2008). *O seminário livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1964).

Lacan, J. (2008). *O seminário livro 16: de um Outro ao outro*. Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1968-1969).

Lacan, J. (2008) *O seminário livro 20: mais, ainda*. Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1972-1973).

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1996). *Vocabulário de psicanálise*. Martins Fontes.

Metzger, C. (2014). O estatuto teórico-clínico da sublimação no ensino de Jacques Lacan: a sublimação como tratamento de gozo. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Miller, J. A. (1996, novembro). Marginália de “construções em análise”.

Opção Lacaniana (17), 92-107.

Prates Pacheco, A. L. (2012). *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças*. Annablume.

Rabinovich, D. S. (2004). *Clínica da pulsão: as impulsões*. Companhia de Freud.

Torres, R. S. (2009, abril). Lacan e o grupo de Klein: tempos do sujeito na experiência analítica. *Stylus*, (18), 89-114.